

Artigo de Revisão

Identificação na prescrição da prática em educação física: contribuição psicanalítica: IPCP

Roberto Borges Filho*

Ciências da Saúde pela FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP, Brasil

Resumo: Baseado principalmente nas obras de Sigmund Freud, Paul Schilder, Françoise Dolto, Willhen Reich e Alex Lowen o presente trabalho aborda a construção inicial da concepção de corpo no ser humano. Conceitos de imagem corporal e postura iniciais implicadas em uma visão psicanalítica proporciona uma concepção mais abrangente da dicotomia corpo-emoção. Baseado nesta concepção, podemos estender as considerações sobre um aprofundamento nos estudos sobre as concepções e paradigmas biomédicos vigentes mecanicista com os sistêmicos.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Constituição subjetiva. Identificação.

Identifications and desires in the prescription practice in physical education: psychoanalytical contributions

Abstract: Based mainly on the works of Sigmund Freud, Paul Schilder, Françoise Dolto, Wilhen Reich and Alex Lowen the present work address the initial construction of the body conception in the human being. Concepts of body image and initial postures implied in a psychoanalytical view offers a wider conception of the body-emotion dichotomy. Based on this conception one can spread the considerations about a deepening in the studies about the current mechanistic biomedical paradigms with the systemic ones.

Key Words: Body image. Subjective constitution. Identification.

Introdução

A nossa primeira identificação como sujeito está esboçada desde antes do nascimento em função do trabalho subjetivo de inserção desse corpo na cultura feito pelos outros maternos, ou seja, muitos traços fenótipos são inseridos como forma de prosseguimento das características peculiares de cada família em seu meio ambiente também peculiar.

Desde a descoberta da gravidez, os pais iniciam um trabalho subjetivo no sentido de ceder espaço necessário para que esse ser que está por vir passe do estatuto de corpo para o estatuto de sujeito. Os enunciados de identificação prévia lançados pelos pais, possibilitam, por meio de interpretação, apresentar um sentido para a angústia inicial do bebê. (FERRARI, 2005; AULAGNIER, 1999)

Os enunciados encenados pelos pais na relação cotidiana com o bebê possibilitam o trabalho de constituição subjetiva, sendo isso, a primeira identificação do ser com sua própria imagem.

Desde quando o bebê olha para o rosto da mãe, o que ele vê é ele mesmo e, progredindo

para a individuação ele percebe que, quando olha, o que vê é o rosto da mãe. A mãe então devolve ao bebê o seu próprio eu, e ele vai se tornando menos dependente de obter de volta o eu dos rostos da mãe e do pai.

Desde a concepção, a mãe atribui ao filho um corpo imaginado (diferente do que é o feto), estabelecendo neste corpo imaginado um investimento afetivo e libidinal.

Após o nascimento, a criança será constantemente interpelada em seu "ser-com-a-mãe", oferecendo ao sujeito aquele ponto de referência fora de si mesmo e que lhe permitirá ver-se como outro desta sinestesia vivida, traçando seu caminho para o seu eu que é a parte do isso modificado pela influência direta do mundo externo. (BIRMAN, 1998).

A partir do sexto mês o primeiro esboço do eu será então constituído em uma demarcação do próprio corpo a gesticular, movimentar e posicionar conforme os padrões culturais, desenhados no corpo.

Este início de experiência corporal está alicerçado nas experiências dos pais em uma correlação com as interpretações do filho que

naturalmente procura uma imagem de identificação. (ALMEIDA, 2005)

Estádio do espelho

O estádio do espelho é o delineamento inicial de que o bebê tem um corpo diferente do da mãe. Ao se olhar no espelho não vê mais o rosto da mãe e sim, o dele mesmo, prevalecendo a dimensão imaginária que fornece um novo sentido para a identificação. A criança então cria um jogo de alternância eu-outro quando vê num primeiro momento um outro e em um segundo momento percebe que é ela mesma que está ali (vê primeiro o outro, depois o outro que é ela mesma).

Segundo [Wallon](#), o espelho é considerado um objeto privilegiado para traduzir o aspecto exterior do corpo. Lacan considera que, apesar da imaturidade motora do bebê, ele reconhece determinada imagem do espelho como sendo sua (ELIA, 1995).

Narciso, ao se olhar na superfície das águas, vê uma imagem pela qual se apaixona, não sabendo que é ele próprio que está ali (é uma imagem estranha pois não se conhece), se conhece como outro e em um segundo momento percebe que esse outro é ele mesmo.

Somos corpo e sujeito e um trajeto deve ser percorrido na constituição do sujeito no corpo e, este corpo segundo Freud não é apenas uma entidade de superfície, mas sim, a projeção da própria superfície (FONTES, 2002).

Aspectos dinâmicos da imagem corporal

Françoise Dolto aponta três aspectos dinâmicos da imagem corporal:

1. Uma imagem de Base, criada no início pela criança para que esta possa sentir-se em uma "mesmice de ser" (continuidade narcísica no espaço-tempo desde o nascimento, resistindo às mudanças do corpo e aos processos evolutivos), representando uma "sensação de existência";
2. Outro aspecto refere-se à imagem Funcional, responsável pela realização do desejo, diferente da imagem de base com componente estático (imagem). A elaboração desta imagem enriquece as possibilidades relacionais com o outro, estimulando o corpo a servir ao objetivo de satisfação do desejo pelas vias da comunicação;
3. A terceira imagem, a Erógena está associada à imagem funcional do corpo (local de vivência

prazer-desprazer na relação com o outro) que permite abrir caminho para o prazer partilhado, expresso em gestos e palavras.

Esta imagem dinâmica corresponde, portanto ao desejo de ser e de preservar uma advir sem representação própria, mas correspondente a uma intensidade da expectativa de atingir o objeto (FERRARI, 2004).

Segundo Freud, o próprio corpo e antes de tudo sua superfície é um lugar que resulta de percepções internas e externas em uma dinâmica de troca entre o exterior e o interior.

A experiência de nossa realidade dependem da integridade do organismo, não devendo ser confundidas então a imagem corporal e realidade de fato traduzida no esquema corporal de um viver carnal no contato com o mundo físico (GREEN, 1988). O esquema corporal por um lado, especifica o indivíduo enquanto representante da espécie, quaisquer que seja o lugar, época ou condições de vida e, por outro lado, a imagem do corpo é a síntese de nossas experiências emocionais, inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais (uma encarnação simbólica do sujeito desejante).

Discussão

Profissionais ligados a área do desenvolvimento humano referem-se a três categorias básicas de mudanças que ocorrem com a idade:

1. Mudanças referentes à idade, comuns a todos da espécie humana;
2. Mudanças comuns a um subgrupo particular;
3. Mudanças individuais que resultam de eventos singulares, não partilhados.

As primeiras experiências humanas especificamente na infância segundo Freud, são básicas para o desenvolvimento posterior do ciclo da vida. Os bebês parecem iniciar a vida com uma ampla variedade de tendências inatas em suas formas de reagir é estimulação ao seu redor.

Trabalhando com faixas etárias diferentes o profissional ligado aos problemas de ordem postural necessitam uma compreensão tanto a nível de mudança quanto de continuidade com seus padrões de desenvolvimento individuais e partilhados.

Também inseridos neste desfecho teórico, considera-se que os rumos individuais de vida são também afetados por experiências singulares.

Erickson desenvolveu oito estágios de desenvolvimento do ser humano. Na visão do psicanalista, a maturidade desempenha um papel menor na seqüência dos estágios propostos.

De 0 a 1 ano existe, segundo Erickson, uma confiança básica versus a desconfiança na mãe ou um provedor principal de cuidados proporcionando um elemento chave para um vínculo inicial seguro.

Dos 2 aos 3 anos novas habilidades físicas levam a livre escolha, a criança aprende a controlar-se podendo também haver a vergonha nas não manipulações adequadas, esta fase se caracteriza pela autonomia versus a vergonha.

Iniciativa versus culpa é a fase correspondente dos 4 aos 5 anos de idade onde se organiza atividades em torno de alguma meta. Nesta fase a culpa pode prevalecer na competição e rivalidade com o progenitor do mesmo sexo.

Dos 6 aos 12 anos aparece a fase da atividade versus a inferioridade absorvendo todas as habilidades normais culturais básicas.

Identidade versus confusão corresponde à faixa etária entre 13 e 18 anos com a adaptação do *self* às mudanças da puberdade com a correspondente busca de novos valores.

Formando grupos familiares a faixa da intimidade versus isolamento dos 19 aos 25 anos. Dos 26 aos 40 anos vem a fase de procriação versus estagnação com o foco na conquista profissional e treinamento da geração seguinte.

Por fim, dos 41 anos em diante a fase da integridade do ego versus a do desespero concentra-se na integração dos estágios anteriores ao encontro da identidade básica.

Freud também propôs estágios de desenvolvimento a nível psicosssexual, ou seja, o estágio oral de 0 a 1 ano que considera a fase do desmame e algumas características adultas das crianças que tiveram fixação neste estágio são o comportamento oral com reações exageradas, passividade e credulidade.

A fase anal de Freud corresponde dos 2 aos 3 anos correspondendo a muita ordem, parcimônia, obstinação ou o oposto.

A fase fálica dos 4 aos 5 anos predomina a vaidade e inquietação. A fase de latência dos 6 aos 12 anos concentra-se nos mecanismos psicológicos de defesa e por fim a fase genital dos 13 aos 18 anos com a sexualidade em amadurecimento.

Parece-nos atual aproximar algumas considerações sobre fases da vida e características específicas para um acompanhamento terapêutico ou preventivo.

É bem diferente acompanhar uma criança e um adulto apesar de acharmos que esperamos características específicas, nada tão longe da verdade.

Os teóricos do desenvolvimento apenas tentam delinear padrões comuns a grupos grandes, mas as peculiaridades de cada um devem ser entendidas.

Filogeneticamente por meio do esquema somos iguais com braços, pernas e tronco, mas somos únicos em nossas expressões por meio da imagem.

Resumo

Esquema corporal e imagem corporal não devem ser confundidos.

Especificando o sujeito como um ser de membros e tronco, representante da espécie é o esquema corporal que identifica a espécie, sendo padronizado para todos.

A imagem do corpo é peculiar a cada um, ligado a sua história sendo então inconsciente, interna e interpretada por cada um de maneira dependente de sua história.

Durante o trabalho físico estaremos em elaborações de imagem conforme o seguimento do trabalho nas patologias de imagem expressadas nas disfunções.

A busca pelo restabelecimento deve, portanto, ter bases em um caminho auxiliado pelo professor: a individuação.

Referências

ALMEIDA, L. H. H. **Danças circulares sagradas: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana.**

Tese (Doutorado em Ciências Médicas). UNICAMP, Campinas, 2005, p.48.

AULAGNIER, P. **Nacimiento de um cuerpo, origen de una historia**. In: Horstein, L. (org). *Cuerpo, história, interpretacion*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

BIRMAN, J. **A epopéia do corpo**. Nostalgias. Em: *Eu- corporando*. O ego e o corpo em Freud. São Paulo: Escuta, 1998.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FERRARI, AG.; Alcântara, JVN. **Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva: algumas considerações**. Rev. Pulsional, 2004

FREUD, S. O ego e o id. In.: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FONTES, I. **Memória corporal na transferência**. São Paulo: Via Lettera, 2002.

GREEN, A. **Narcisismo de vida. Narcisismo de morte**. São Paulo, Escuta, 1988.

LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LAPLANCHE, J & PONTALIS, JB. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

REICH, W. **El análisis Del carácter**. Buenos Aires: Paidós, 1975.

SCHIMIDTT, J.C. **A moral dos gestos**. In.: Sant'Anna, DB (org). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **Los Orígenes de carácter del niño-los preludios del sentimiento de personalidad**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1975.

WINNICOTT, D. **O papel de espelho da mãe e da família do desenvolvimento infantil**. In.: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MATARUNA, L. **Imagem corporal: noções e definições**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd71/imagem.htm>. Acesso em 23 out 08.

SILVA, R. F.; VENDITTI JUNIOR, R.; MILLER, J. **Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder**. Contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd68/schilder.htm>. Acesso em 23 out 08.

*Doutor em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto –FAMERP

Endereço:

Roberto Borges Filho
Av. Vale do Sol, 4265 Bairro Vale do Sol
Votuporanga SP Brasil
15500-269
e-mail: rroberto@ig.com.br

Recebido em: 2 de outubro de 2008.
Aceito em: 29 de abril de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)